

UMA DEMOCRACIA GIGANTE

TRIVIAL VARIADO RUBEM BRAGA

Para entender — ou começar a perceber por que não entende — a Índia, a gente precisa levar em conta, de saída, o seguinte. Com um território muito menor do que a metade do nosso (3 272 600 km²) a Índia tem uma população de 450 milhões de habitantes, mais de cinco vezes e meia a do Brasil. Mais gente do que a África, a Austrália e a América do Sul juntas. Essa população cresce em um ritmo assustador: neste ano de 1965, espera-se que nasçam cerca de 11 milhões de indianos.

A Índia esteve sob o domínio inglês durante 130 anos, de 1818 a 1947. Esta velha civilização é, portanto, uma nação jovem, que só daqui a dois anos comemorará 20 anos de independência.

É importante dizer que os ingleses não mandavam igualmente em todo esse território. Cerca de dois quintos da atual Índia eram principados; a Inglaterra entendia-se com o príncipe, o marajá, o rajá, ou quem fosse,

mas não se metia na administração desses pequenos Estados, que eram regidos pelas suas próprias leis e costumes.

Em dois anos a Índia independente conseguiu afirmar sua soberania sobre esses principados, menos três: os de Kashmir, Hyderabad e Junagath. Todos os outros príncipes (alguns deles supostos descendentes diretos do Sol ou da Lua) abdicaram do governo efetivo de seus povos e territórios — uns por patriotismo, outros porque foram forçados, muitos conservando seus títulos e alguns privilégios e às vezes uma lista civil para manter seus servidores pessoais.

Além disso havia territórios dominados por países europeus — a França e Portugal. A França inteligentemente tratou de abrir mão de sua soberania sobre Pondichery e outros territórios, vendo que não era possível manter esses enclaves no subcontinente de que a Inglaterra se retirava. O Governo portu-

cont.

12.65

quês, mais teimoso, teve de ser aliado de Goa, Macau e Dio — sem luta, praticamente.

De qualquer modo, a primeira grande vitória da Índia, como país, foi essa integração, dentro de um Governo nacional e democrático, de uma terra e um povo secularmente e até milenarmente divididos entre centenas de suzeranos. Foi impossível evitar a partilha do Paquistão, dividido em duas porções e formando um só Estado muçulmano, hoje sob ditadura militar. Essa partilha trouxe problemas gravíssimos, com a passagem, para a Índia, de milhões de hindus (não muçulmanos) que vivem dentro das fronteiras do atual Paquistão, e as relações entre os dois países continuam a ser más, e m b o r a, no momento, não haja choques de tropas.

A República da Índia é um Estado secular, dentro do qual vivem, ao lado da maioria (85 por cento) de hindus, de religião hindu ou brama-

nista, as minorias muçulmanas (10 por cento), cristã (2 por cento), budista, sikista, jainista, zoroastrista, sem falar de israelitas e múltiplas pequenas tribos animistas.

A liberdade religiosa é perfeita, como a liberdade de imprensa. Na verdade, a Índia é a maior democracia do mundo, e o estadista inglês Harold Macmillan lembra que "de cada nove pessoas no mundo que desfrutam o privilégio e a liberdade de viverem em condições que nós descrevemos como democráticas, quatro são indianas".

Essa gigantesca democracia enfrenta problemas terríveis, uns herdados de milênios, outros frutos do mundo de hoje, uns internos, outros externos. Não prometo estudar ~~esses~~ problemas, porque estes triviais não são de estudar nada. Mas os leitores tomarão conhecimento de alguns deles através de notas de viagem e de leitura que irei soltando aqui.

NOVA DELI, JANEIRO

FLU

FLU

Jumbo 80
FLU